

GRISELDA GAMBARO E A PROBLEMÁTICA DAS FRONTEIRAS EM ES NECESARIO ENTENDER UN POCO

Alessandra Maria Dutra dos Santos

RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre até que ponto a quebra de fronteiras geográficas se converte, efetivamente, em conquista de espaços sociais, políticos e culturais, tendo como fio condutor o texto dramático *Es necesario entender un poco*, de Griselda Gambaro.

PALAVRAS-CHAVE

fronteiras, diálogo, drama.

– Não gosto de Los Angeles – resmungou Ruth Rae. Faz anos que não vou lá. Odeio L.A. – Perscrutou ao redor com um olhar desvairado.

– Eu também – disse o político, enquanto trancava o compartimento traseiro, separando-o da cabine, e jogava a chave por uma abertura para os políticos do lado de fora.– Mas temos de aprender a conviver com ela: ela existe.

Philip K. Dick

“Hoje em dia, tudo parece estar repleto de seu contrário.”

*Anônimo*¹

Em *Es necesario entender un poco*, Griselda Gambaro, dramaturga argentina, contribui para as discussões sobre os conflitos gerados pelo choque entre culturas, narrando, em forma de texto dramático, a história de Hue, um chinês que é levado à França por um jesuíta para traduzir o livro *I Ching*, após ter deixado seu filho e sua mãe. Segundo a autora, trata-se da história verídica de John Hu, um letrado chinês levado de Cantão para a França, em 1722. Um fato isolado ocorrido no século XVIII pode parecer anacrônico, quando estamos falando de globalização, movimento recente do final do século XX, mas Griselda Gambaro viu nesse acontecimento tema adequado para estabelecer um paralelo entre a teoria e seus resultados práticos e oportunidade para criticar as relações sociais, mostrando

¹ KAPLAN. *O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas*, p. 206.

que episódios, aparentemente novos, não passam de meras repetições de histórias desgastadas que estamos cansados de testemunhar, ou até mesmo protagonizar.

Na narrativa de Griselda Gambaro, pode-se identificar alguns elementos que compõem a dinâmica daquilo em que se converteu o mundo globalizado, lugar de conflitos e experiências novas, de afirmação e desintegração de discursos, de supremacia de uma cultura sobre a outra. Esse é o mundo globalizado que Hue encontra, quando decide transpor as fronteiras geográficas para encontrar o inteiramente novo e concretizar seus sonhos de enriquecimento material e intelectual. Como ele próprio afirma: “*El mundo no es sólo China. Otras tierras te permiten crecer.*”² No entanto, o mundo não se apresenta como nos contos de fada e Hue, que não consegue se adaptar às exigências do novo, acaba sendo internado num hospício. A aventura de Hue custou caro, pois o campo das novas experiências adquiridas se revelou também como um lugar de perdas irrecuperáveis.

Na França, Hue fica incomunicável, é maltratado, humilhado e, quando regressa à China, desiludido e derrotado, já não é o mesmo Hue que partiu cheio de esperanças. Sua experiência na França deixou marcas profundas, cujos sinais foram também transportados para sua mãe que, ao regressar o filho, constata: “*Somos más pobres.*” A constatação da mãe de Hue nos leva a refletir sobre pelo menos dois significados de pobreza: o material, que é evidente, mais palpável, e o sociocultural. A mãe de Hue, embora permanecendo na China, percorreu o mesmo caminho pedregoso do filho, quando expôs os seus valores, suas crenças, sua cultura ao conhecimento do outro (jesuíta francês). Não foi necessário para ela partir para saber que o mundo não respeita as diferenças, o que nos empobrece, porque nos machuca, nos inferioriza. Note-se que a mãe de Hue não diz “estamos más pobres”, mas, sim, “somos”. Constatar a arrogância com que somos tratados, apenas por expressarmos de formas diferentes os mesmos desejos, deixa-nos fracos porque temos que lutar, diariamente, para ocupar um espaço que por direito nos pertence. Hue representa o destino de tantos sujeitos pós-modernos que saem de seus países em busca das “facilidades” do mundo globalizado e se defrontam com a dura realidade dos preconceitos. Se a proposta inicial da quebra de fronteiras buscou como resultado a “aproximação” entre os diversos povos, para os países economicamente mais pobres e “culturalmente menos favorecidos”, ela se revelou um abismo.

A narrativa de Griselda Gambaro apresenta o que Robert Stam chama de o papel do texto artístico, ou seja, ela encena os conflitos inerentes à heteroglossia, as coincidências e competições das linguagens e dos discursos. Visto que a linguagem está necessariamente imbricada com o poder, o que ocorre no texto é uma demonstração prática desse duelo pelo poder da linguagem que aniquila o lado “perdedor”. “*Le quitaste a este pobre desgraciado la lengua, las palabras. Viste jirones, pero nada es tan malo como perder las palabras. No comprender.*”³

Hue não perde somente as palavras, mas seu referencial, sua identidade. Em sua pátria, era um cidadão respeitado por causa de seus conhecimentos. Na terra distante com a qual sonhou, seus conhecimentos não servem para nada, não possuem valor algum, pois

² GAMBARO. *Teatro 6*, p. 65.

³ GAMBARO. *Teatro 6*, p. 103.

o que está em jogo é o poder do discurso, o direito de ter voz, e é por meio dele que os indivíduos são inseridos ou excluídos de determinados espaços.

A heteroglossia, conceito bakhtiniano, aparece no texto e reforça a pretensão de hegemonia por parte do personagem que se julga superior. Na China, o jesuíta francês subestima de todas as formas a Hue e sua família, demonstrando claramente as diferenças existentes entre eles. Hue não parece perceber o abismo social, econômico e cultural que os separa e, ingenuamente, considera estranho o fato de os marinheiros não falarem seu idioma. Incomodado com a situação, Hue questiona o jesuíta sobre o assunto, ao que o francês responde: “*Su idioma es una jerga endiablada, Dios me perdone.*” Ainda sem entender, Hue questiona novamente: “*¿Y yo? ¿Por qué yo no aprendí el tuyo?*” Ao que o francês responde: “*Porque sos chino, icon los ojos así!*” Hue não entende que marinheiros não aprendem idiomas; jesuítas, sim. Orientais, dominados, não devem aprender o idioma dos dominantes. Europeus não aprendem idiomas considerados inferiores e, por esse motivo, os marinheiros não falam sua língua. A única linguagem que dominam é o francês e a linguagem do mar, do mundo do trabalho. Hue, o jesuíta e os marinheiros se encontram no mesmo barco, mas habitam universos completamente diferentes. Hue é tratado como inferior, tanto pelo jesuíta quanto pelos marinheiros, mas em relação ao jesuíta os marinheiros também se encontram em condição subalterna, demonstrando que a hierarquização da sociedade está vinculada, não só a fatores econômicos, mas também socioculturais.

Apesar de poucas referências à vida do padre na China, pode-se perceber que ele não foi vítima da mesma violência que Hue. Aprendeu chinês, ainda que isso tenha lhe “custado sangue”, porque encontrou alguém com disposição para ensiná-lo. No entanto, apesar de ter vencido a barreira da língua, não se despiu dos preconceitos pessoais, continuando a considerar-se superior. O aprendizado da língua só serviu para reforçar sua suposta superioridade, não destruindo o muro dos preconceitos. “*Padre (retrocede ligeiramente): ¡Sí, sí! Los vientos son peregrinos, pero finalmente, lo llevarán a China. (Se tienta) ¡O al Japón! Da igual, i son todos amarillos! (Ríe estentóreo. Carraspea y se contiene)*”.⁴

Nas falas dos personagens, podemos perceber o reforço de um discurso da diferença, não de uma forma antropológica, mas que busca enfatizar a posição do diferente como inferior, marginal, subalterno. Não há um esforço para compreender as diferentes culturas; ao contrário, todas são reduzidas à inferioridade. Todos os supostos intelectuais que se relacionaram com Hue demonstraram claramente o seu preconceito, tanto por palavras quanto por gestos. “*Hue: ¿Me entenderán las bestias si les hablo? Padre (lo mira críticamente. Luego se tienta): No, ison caballos franceses! (Ríe).*”⁵ O jesuíta só se aproxima de Hue por interesse já que deseja ver o I Ching traduzido, pois uma vez em língua francesa, desvendada, tal doutrina poderá ser também dominada. Religião e linguagem se mostram, na narrativa de Griselda Gambaro, duas forças geradoras de conflito e de disputa de poder. No discurso do jesuíta francês não há nenhum respeito às diferenças, ao contrário nota-se um menosprezo total pelos orientais, considerados intelectualmente e economicamente

⁴ GAMBARO. *Teatro* 6, p. 113.

⁵ GAMBARO. *Teatro* 6, p. 71.

inferiores. Tanto na fala do jesuíta quanto na do médico, podemos perceber claramente a negação do espaço de inserção do chinês, como também o desrespeito de suas singularidades. “Médico: *No me gustan los extranjeros. Tuve una sirvienta india. Fue un clavo. Pretendía bañarse todos los días y hacía sus necesidades al abierto.*”⁶

A incapacidade de Hue de transpor a barreira lingüística sela seu destino. De dominador dentro de seu espaço doméstico, passa a ser dominado no grande espaço do mundo globalizado. O rompimento de fronteiras geográficas não significou a queda de barreiras sociais e culturais; ao contrário, muros ainda mais altos foram construídos para proteger a hegemonia e “pureza” da cultura dominante. Os únicos que ameaçam atravessar esse muro são indivíduos que se assemelham na condição de marginalizados e que em sua exclusão se aliam. A *posadera* é a única personagem que tenta compreender Hue e dialogar, pois ela, embora francesa, é discriminada por causa de sua condição social.

Quando convém, as personagens recorrem à semelhança entre certos aspectos da cultura, não para ressaltar a semelhança, mas sim para justificar a sua ordem e fundamentar a sua autoridade. “Padre: *¡Hue, Hue! Ni en tu tierra ni aquí se abraza a nadie. ¡Menos a una posadera! ¡Apártate!*”

Podemos perceber que tanto o fato ocorrido em 1722 quanto sua reescrita demonstram que o ser humano ainda continua sendo classificado em categorias, e que o mundo globalizado nada mais é que o palco onde essas diferenças entram em cena, obrigando-nos a atuar. Durante toda a narrativa, podemos constatar que a comunicação, altamente apoiada no processo de fala, se concretizou em alguns momentos (padre/chinês, mãe/chinês, personagens franceses entre si). Nota-se que não existe nenhuma disposição dos personagens em estabelecer qualquer tipo de comunicação com Hue, que rompesse as barreiras lingüísticas. Quando existe uma vontade capaz de superar os preconceitos, observamos que há a possibilidade de comunicação, adotando-se uma linguagem gestual. Hue e a *posadera* comunicam-se, ainda que rapidamente, através da linguagem do corpo, do espírito e da carência.

A superioridade com que Hue tratava os iletrados chineses se volta contra ele. Ao perceber sua ignorância, pois não foi capaz de dominar outro idioma, todos os franceses com os quais se relaciona se julgam no direito de humilhá-lo e ridicularizá-lo. Nesse sentido, a loucura de Hue é estratégica, pois é melhor ser tomado como louco que como ignorante. Hue usa a loucura como defesa, uma forma de resistir a esse mundo que o condena, mundo incompreensível do qual tenta fugir, já que não é possível inserir-se nele. Hue, com muito custo, percebe a sua condição de dominado, passando a adotar uma atitude irônica diante de sua situação. “Padre: *¡Por quién lo tomaron para reducirlo a ese extremo? Hue: (sonríe ambiguamente): Por un chino.*” Hue não encontrou seu espaço na França e nem será possível recuperar o que deixou na China; sendo assim, ele passa a habitar um “entre-lugar”, e para mantê-lo terá de lutar. Como afirma Hue: “*Ningún barco me podrá llevar a China.*”

A inexistência de um diálogo não transformou somente Hue, mas todos aqueles que com ele mantiveram contato. Os franceses também perceberam que não estavam preparados para lidar com o diferente, mas em nenhum momento tal constatação os privou da arrogância habitual em relação ao outro. Por não compreenderem os costumes de Hue, o internam em

⁶ GAMBARO. *Teatro* 6, p. 97.

um hospício, deixando-o entregue à própria sorte. Hue não encontrou o espaço para o conhecimento e o enriquecimento que motivou sua partida. A promessa de um diálogo, de uma troca de experiências tão cara ao crescimento do ser humano não foi cumprida e por esse motivo Hue não concretizou o processo de construção do eu, que, para Bakhtin, implica a escuta e assimilação das palavras e discursos dos outros, todos dialogicamente processados, de modo que as palavras, em certo sentido, tornam-se como que “palavras do próprio sujeito”. Em sua aparente loucura, Hue nos revelou uma das faces do mundo globalizado, que tem como pretensão eliminar todas as fronteiras, desde que um poder hegemônico seja mantido.



ABSTRACT

The aim of this essay is to analyze *Es necesario entender un poco*, by Griselda Gambaro, in order to discuss whether the disappearance of geographic frontiers actually represents an achievement in the social, political and cultural spaces.

KEY WORDS

frontiers, dialogue, drama.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GAMBARO, Griselda. *Teatro 6*. Argentina: Ed. La Flor, 1996.

KAPLAN, E. Ann (Org.). *O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

PAVIS, Patrice. *El teatro y su recepción, semiología cruce de culturas y posmodernismo*. Sel. e trad. Desiderio Navarro. La Habana: UNEAC Casa de las Américas, 1994.

ROJO, Sara. A problemática do poder na escrita teatral de Griselda Gambaro. In: *Revista de Estudos de Literatura*. Belo Horizonte. v. 4. 1996, p. 81-88.

SILVA, Jane D´arc. *Griselda Gambaro: imaginário feminino e práxis cênica*. Belo Horizonte. 2000.